

MAL-ESTAR DA HISTÓRIA NO BRASIL?: FRIEDRICH NIETZSCHE E A RENOVAÇÃO DO REGIME HISTORIOGRÁFICO OITOCENTISTA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

VICENTE DA SILVEIRA DETONI ^{(UFFS)*}

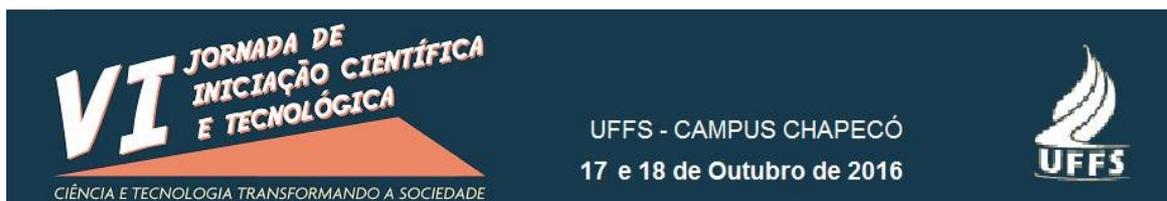
Acadêmico do curso de graduação Licenciatura – História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim/RS. Endereço eletrônico: vicentedetoni@gmail.com

Introdução

Em 1905, Rocha Pombo escreveu em seu romance *No Hospício* que “a história é mestra perigosíssima”. Esta formulação, aparentemente uma paráfrase do *topos* da *historia magistra vitae*, que, de forma sutil, o coloca em suspeita, parece antecipar denúncias aos limites e as nocividades da escrita da história do gênero que Paul Valéry enunciou frente ao conflito mundial desencadeado a partir de 1914: “A história é o mais perigoso produto que surgiu da química do intelecto... A história justificará qualquer coisa. Ela ensina precisamente alguma coisa, pois traz para si todas as coisas e fornece exemplos de todas as coisas...”. Quais teriam sido as condições de possibilidade desta enunciação de Rocha Pombo? Haveria na Primeira República no Brasil, tal como na Europa, um sentimento de hostilidade para com o conhecimento histórico, ou uma certa descrença quanto as potencialidades da escrita da história, uma denúncia de seus limites ou nocividades, entre os brasileiros? Em outros termos, haveria um “mal-estar da História” no Brasil na virada do século XIX para o XX? Esta pesquisa, na tentativa de dar conta destas questões, se concentrou no estudo da circulação do pensamento de Friedrich Nietzsche entre os homens de letras e intelectuais do período, principalmente aqueles envolvidos com a escrita da história ou em tentativas de definição de fronteiras de áreas do saber.

Objetivo

O objetivo deste trabalho foi investigar os modos de recepção, os debates e apropriações da obra de F. Nietzsche pelos intelectuais brasileiros do período que se estende do fim do século XIX à primeira metade do século XX. Por F. Nietzsche ter produzido reflexões sobre ou *contra* a escrita da história que, de algum modo, contribuíram para um certo desprestígio por



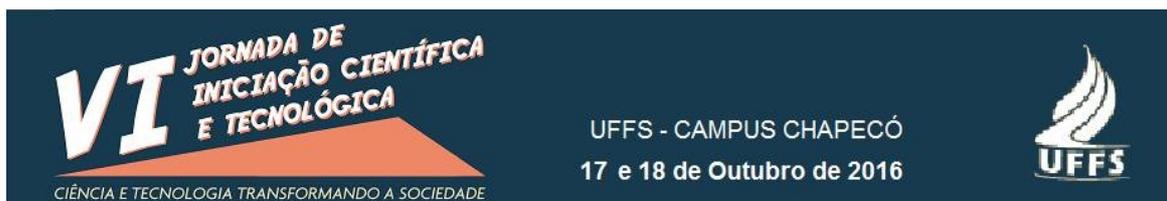
que passou a escrita da história convencionalmente produzida nas universidades europeias no fim do século XIX, compreendemos que traçar o caminho da recepção de sua obra nos possibilita entrever especificidades do ambiente intelectual e da escrita da história no Brasil na Primeira República, supostamente perpassados por uma “crise”.

Metodologia

O *corpus* documental privilegiado na análise se constituiu em textos de jornal, sobretudo da imprensa carioca, paulista e sergipana da virada do século XIX para o XX, bem como excertos de livros e manifestos da época. Uma atenção especial foi concedida ao texto *Como se deve escrever a história do Brasil*, escrito por José Oiticica, e publicado em 1910 na *Revista Americana*. Buscou-se na análise destes textos, através de citações implícitas ou explícitas que indicassem um contato dos autores com o pensamento de F. Nietzsche, compreender que direções das suas reflexões do filósofo foram aparentemente lidas, sobre que questões foi evocado, de que maneira foi apropriado, e com qual finalidade.

Resultados e discussões

Num primeiro momento da pesquisa, o empreendimento de análise de jornais, de excertos de livros e manifestos tornou evidente a existência de um Nietzsche subterrâneo ao pensamento social e estético dos intelectuais da virada do século XIX para o XX, especialmente a produção deste filósofo vinculada ao conceito de *super-homem* e à obra *Assim falou Zaratustra*. Observou-se, também, que a apropriação de F. Nietzsche pelos intelectuais se deu muito mais como um arsenal (uma “caixa de ferramentas”) para se pensar e refletir questões da atualidade daquele momento no Brasil, do que como um objeto de estudo da filosofia. No segundo momento, a análise do texto de José Oiticica demonstrou um contato deste autor com algumas formulações centrais da obra do filósofo alemão, tais como a *teoria das forças* e a ideia de luta entre forças como princípio de toda organização vital, além de aparentar transitar em um projeto de união entre as ciências naturais e as ciências do espírito, também preocupações de Nietzsche.



Conclusão

Os caminhos e descaminhos desta pesquisa nos demonstraram a existência de uma certa ausência de denúncias aos limites e nocividades do conhecimento histórico para a vida na historiografia brasileira da Primeira República, temas da reflexão de F. Nietzsche, de modo especial, de seu texto sobre as utilidades e inconvenientes da história para a vida. Em um sentido diverso, F. Nietzsche parece ter sido lido pelos brasileiros do período de modo a superar dilemas e ansiedades colocadas em questão pelo próprio desenvolvimento interno da historiografia brasileira, os lugares sociais que ela (não) ocupava, as tentativas de definições mais precisas das áreas do saber. Seria um mal-estar próprio da historiografia brasileira (que, obviamente, possuía relações com o desenvolvimento das ciências em âmbito mais global, a emergência das ciências sociais) o qual uma leitura de F. Nietzsche buscava saídas. Ao invés de se utilizarem de F. Nietzsche para conterem um excesso de conhecimento histórico que estaria paralisando a vida (intelectual), o filósofo alemão teria sido lido de modo a fundamentar mais e novas narrativas sobre o passado nacional, e, sobretudo, um novo regime historiográfico.

Palavras-chave: História Intelectual; Historiografia Brasileira; Primeira República; Friedrich Nietzsche.

Financiamento

Bolsa de Iniciação Científica PRO-ICT/UFFS, edital nº 281, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Feltrin de Souza.

Referências

BARROSO, Antônio Vinícius Lomeu Teixeira. Um Nietzsche à brasileira: receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940). **Revista de Teoria da História** Ano 5, Número 9, jul/2013

DETONI, Piero di Cristo Carvalho. A síntese como desafio historiográfico na Primeira República: pequenos estudos de caso. **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. 2013

DIAS, Geraldo. "Nietzsche, intérprete do Brasil"? A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v.I n.35, p. 89-107, 2014.

NICOLAZZI, F. Orden del tiempo y escritura de la historia: consideraciones sobre el ensayo histórico en el Brasil, 1870-1940. **Prismas**, Revista de historia intelectual, Nº 19, 2015, pp. 47-66

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP. 1994